

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	26.º Anno — XXVI Volume — N.º 873	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Paço Real, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 24 e 39
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	23800	12000	3900	120	30 DE MARÇO DE 1903	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Carlos Alberto da Silva.
Possuções ultramarinas (idem)...	42000	21000	—	—		
Estrang. (união geral dos correios)	56000	28000	—	—		



S. M. O REI EDUARDO VII

## CHRONICA OCCIDENTAL

Voltam-se agora todas as atenções para a breve chegada a Lisboa de El-rei de Inglaterra, Eduardo VII, que ha perto de trinta annos aqui veio, recém-chegado da India e quando ainda Principe de Gales.

Discutidos hão sido os festejos a celebrar a nova visita, e ainda mais do que elles o itinerario do cortejo.

Quantas vezes tem sido mudado não sabemos nós dizel-o.

Tem-se dito muito mal da rua do Arsenal, do Aterro, dos malditos angulos que os coches toem de dobrar a voltar do Rocio para a rua Nova do Carmo, da rampa do Chiado, do declive da rua do Alecrim, etc, etc.

O ultimo itinerario approved é o seguinte: Terreiro do Paço, lado oriental e norte, rua do Ouro, Rocio, rua do Carmo, Chiado, rua do Alecrim, Aterro, Santos, Pampilhã e Necessidades.

Não se pensa n'outra coisa. Por toda a provincia se nivelem as malas, se dê a ultima lavagem de benzina nas luvas, se assiste já em imaginação á grandeza do cortejo e á maravilha do fogo de vistas.

No outro dia, um lavrador cahiu em dizer que as ultimas chuvas tinham feito muito bem ás favas, e todos os circumstantes lhe pediram que fallasse baixo, não fosse o ceu ouvil-o. Que importam agora as favas? No fogo de vistas é que se pensa, na obra prima em que trabalham os pyrotechnicos srs. Domingos Antonio da Silva e Martiniano Alves Rego, aparentados com as bruxas que protegeram Aladim e Ali Babá.

Poude ha duas noites a Adelina Abranches fazer prodigios desempenhando a Severa. Subiu da muitos furos a classificação da actriz, todos o reconheceram porque todos a applaudiram; mas assim que se acharam na rua posaram-se de nariz no ar a vêr as nuvens e d'onde soprava o vento.

O aluguer das janelas, nas ruas em que ha de passar o cortejo tem attingido um preço fabuloso. Pois se fabulosas hão de ser as festas! Janelas ha no Chiado alugadas por quantia superior a cem mil reis.

Não se fala de politica. Os artigos de fundo podem á vontade ser agora escriptos sobre o joelho, porque ninguém os lê.

Se um caturra se arievé a fazer quaesquer considerações sobre o sr. Hintza ou João Franco, logo ali mesmo o calnam. O tempo não vai para luctas, dizem-lhe, e que hade tocar nos toiros a banda da guarda municipal.

Porque afinal está decidido que ha de haver toirada, a qual se realisará no dia 6, na praça do Campo Pequeno á antiga portugueza.

E' natural que os da Protectora de Londres reamunguem algum tanto. Deixal-os reamungar. El-rei de Inglaterra haverá visto em Portugal o que nenhuma outra nação lhe pode offerecer em espectáculo: os nossos cavalleiros. Como numero do programma será este dos melhores.

Do fogo no Tejo esperam-se maravilhas. Quando Eduardo VII, ainda Principe de Gales, veio visitar El-rei D. Luiz, as festas que se fizeram no nosso rio foram esplendidas e ainda







membro da real comissão de Alojamento dos pobres e de 1.º chanceler da Universidade de Gales.

Em dezembro de 1899, dá-se o attentado de Spido, que dispara um tiro contra Eduardo, ainda príncipe de Gales, no caminho de Bruxelas para S. Petersburgo. O attentado não teve consequências, por que o tiro não alcançou o alvo.

Por morte da rainha Victoria foi aclamado rei da Grã Bretanha e da Irlanda e imperador das Índias, em 24 de janeiro de 1901.

As festas da coroação que estavam fixadas para 23 de junho de 1902 não puderam realizar-se então, por o monarca ser atacado d'uma peritonite de que soffreu operação em 24 d'esse mez, realçando-se a 9 d'agosto, e sendo a cerimonia de coroação feita na abbazia de Westminster.

Na Índia teve também essa cerimonia uma consagração das mais imponentes, sendo as festas em Calcutá, Bombaim, Dely e Madras, uma affirmação do prestigio e da força que ali tem a Grã Bretanha.

#### O MINISTRO INGLEZ EM LISBOA

Como todos sabem é sir Martin Le Marchant Haldesley Gosselin o enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. Britannica actualmente residente em Lisboa.

Sir Gosselin depois de ter percorrido as principaes côrtes da Europa veio para Portugal, onde é justamente considerado entre o corpo diplomatico estrangeiro, não só por ser um funcionario distincto, como prova a enumeração dos serviços que tem distinguido a sua carreira, como pela sua muita erudição e dotes de espirito e de caracter que personificam um verdadeiro *gentleman*.

Educado na Universidade de Oxford foi nomeado addido à legação de Lisboa em 1869, passando à legação de Berlim em 1873, como 3.º secretario da embaixada, d'onde foi transferido em fevereiro de 1874 para Copenhague.

Promovido a 2.º secretario para a embaixada de S. Petersburgo em novembro de 1874, foi nomeado addido à embaixada especial durante o congresso de Berlim em 1878, sendo transferido para Roma em 1879 e para S. Petersburgo em 1880, voltando para a legação de Berlim em 1882.

Em 1885 foi nomeado 1.º secretario da legação de Bruxellas, e em 1887 secretario da missão especial ao duque de Norfolk.

De 1888 a 1890 é escolhido para delegado britannico na conferencia de Bruxellas, destinada a tratar de tarifas internacionais, sendo em 1889 nomeado um dos secretarios da mesma conferencia ao tratar-se do trafico da escravatura.

De 1890 a 1896 desempenhou muitos outros serviços e commissões officiaes da maior importancia, até que em 24 de outubro d'aquelle anno foi acreditado ministro plenipotenciario ao serviço diplomatico, sendo encarregado de negocios diplomaticos em Paris por diferentes vezes.

Em 25 de junho de 1888 foi nomeado ajudante sub-secretario de Estado do ministerio dos negocios estrangeiros, lugar que occupou até que em 1 d'agosto de 1902 foi distinguido com o alto cargo que hoje occupa na corte de Lisboa.

E' agraciado com a commenda do Banho, cavalleiro da ordem de S. Miguel e S. Jorge e condecorado com a medalha commemorativa da coroação do Rei Eduardo VII.

#### MARQUEZ DE SOVERAL

Como dizemos n'outro lugar a nosso illustre ministro em Londres sr. Marquez de Soveral acompanha o regio hospede, na sua visita a Lisboa, a essa honra com que é distinguido pelo soberano inglez, constitue uma das maiores affirmações da sympathia que o illustre diplomata disfruta na corte da Grã Bretanha, e da affabilidade com que é tratado por Eduardo VII.

Luiz Soveral, que iniciou em Madrid a sua carreira diplomatica, como addido da legação, deu logo ali esuberantes provas da sua alta capacidade, deixando de si um bom testemunho da competencia para as altas funcções em que hoje está investido.

De Madrid passou a Vienna e depois a Berlim, em primeira como addido e na segunda já como secretario de embaixada, distinguindo-se sempre pelas suas maneiras e pela forma correcta que sabia imprimir a todos os seus actos officiaes.

De Berlim foi transferido para Londres, e ali não só tem prestado muitos serviços a Portugal como se tem tornado digno de estima pelo seu alto valor como diplomata.

Sendo chamado a Lisboa para se encarregar

da pasta dos estrangeiros, novamente voltou a occupar o lugar de nosso ministro em Londres apenas se limitou o gabinete de que fazia parte.

E' um espirito alegre e scintillante, sabendo insinuar-se e honrando sempre o nome da sua patria como portuguez de cecração que é.

#### PAÇO DAS NECESSIDADES

A proposito de ser este palacio o escolhido para residencia do rei de Inglaterra durante os dias que se demora em Lisboa, damos algumas notas curiosas sobre a sua fundação.

Data de 1743 o começo da edificação do palacio, que tomou o nome d'uma ermida da invocação de Nossa Senhora das Necessidades, contigua ás casas, que para construção do edificio, se demoliram.

Refere-se que El-Rei D. João V tendo adoecido gravemente, pedira lhe levassem para os seus aposentos a imagem da Senhora das Necessidades, e que havendo melhorado fez substituir a modesta capella por um templo rico e sumptuoso, concedendo-lhe as prerogativas de capella real, e adicionando-lhe mais tarde o palacio, que só ficou concluido em 1750, o cuja construção obedeceu ao risco de Caetano Thomaz de Sousa.

A este palacio, que apoz a sua conclusão fôra escolhido para residencia dos infantes D. Manoel e D. Antonio, irmãos do monarca, nenhum damno causou o terremoto de 1755, que igualmente respeitou a capella, indo danificar um pouco o convento, que pela mesma epoca do palacio, D. João V mandara construir na quinta contigua, fazendo d'elle doação aos congregados de S. Filipe Nery.

El-Rei D. José e D. Maria I preferiram o palacio d'Ajuda para sua residencia, servindo o paço das Necessidades para n'elle se hospedarem varios principes estrangeiros nas suas visitas à corte portugueza.

Foi assim que durante aquelles reinados ali foram recebidos os fillos de Jorge III de Inglaterra, o Príncipe de Gales, depois Jorge IX, e seus irmãos.

Foi séde o mesmo palacio da Academia Real das Sciencias, reunindo ali tambem as côrtes de 1821, que fizeram as suas sessões no grande salão de livraria.

Em 1833 passou a ser residencia da rainha D. Maria II e ali residiram tambem, até á sua morte, El rei D. Fernando, infantes D. Augusto, D. Fernando e D. João, o saudoso monarca D. Pedro V e a rainha D. Stephanie.

Com a elevação ao throno de El-rei D. Luiz I, e depois do seu casamento com a excelsa princeza da casa de Saboya, senhora D. Maria Pia, passou aquelle monarca a residir no palacio d'Ajuda, ficando no das Necessidades El-Rei D. Fernando e o infante D. Augusto.

El Rei o senhor D. Carlos, depois de ter estado alguns annos no paço de Belem, preferiu para residencia o palacio das Necessidades, sendo os seus aposentos que vae occupar o rei Eduardo VII. Afim de receber o seu real hospede tem-se ali feito alguns trabalhos para embelezamento, estando já concluida a ornamentação em que figuram muitos objectos d'arte.

Entre elles cita-se pela sua belleza um tapete azul exposto n'uma das paredes da portaria da real camera, tendo no centro a corôa real portugueza envolta em ramos e fitas, lendo-se n'estas seguintes legendas: Lisboa, Porto, Evora, Coimbra, Leiria, Faro, Elvas, Bragança; os emblemas da cruz de Christo, Torre e Espada, (Valor e Lealdade), e de Villa Viçosa, padroeira do reino.

#### OS COCHES DO CORTEJO REAL

Os coches destinados a servir no cortejo real por occasião da chegada de S. M. Britannica, e dos quaes alguns acabam de ser restaurados, constituem um dos mais preciosos thesouros de arte decorativa, tanto em obra de talha como em pintura, e são tambem d'um grande valor estimativo pela antiguidade e pela razão historica que lhes deu origem.

Nenhuma outra nação possui como Portugal uma collecção tão numerosa e variada de coches reaes dos seculos XVII e XVIII.

A França e a Inglaterra tiveram tambem opulentos trabalhos n'este genero de vehiculos, mas as revoluções de 1789 em França, e a que destronou e levou ao cadafalso Carlos I, de Inglaterra, destruíram esses bellos productos de arte, vindo se apenas n'esta ultima nação os coches que costumam servir do prestito de lord maire, no dia em que vae tomar posse d'esse cargo, notan-

do-se que esses coches são muito inferiores aos de 2.º ordem da casa Real Portugueza.

Esta era a informação que o estudio escriptor sr. Ignacio de Vilhena Barbosa nos dava n'uma descripção começada sobre este assumpto n'hi pelos annos de 1867, e que o distincto escriptor não concluiu.

Os primeiros coches que se viram em Portugal foram os que trouxe a Lisboa Filipe II, de Hespanha, em 1581.

Em França appareceu a primeira carruagem ou coche no meado do seculo XV, no tempo de Carlos VII, sendo Ladislas IV, rei da Hungria, quem presenteou com elle Maria d'Anjou, esposa do monarca francez, porem, só no reinado de Henrique IV, que sobiu ao throno em 1589, é que em França se generalizou o uso dos coches.

Em Inglaterra foi apenas em meados do seculo XVII que principiou o uso d'estes vehiculos, devendo-se a sua adopção á rainha Isabel, aclamada em 1558.

Em Hespanha o uso dos côchos foi estabelecido no reinado de Filippa II.

O nome que os hespanhoes davam aos coches de então era *estufas*, e este mesmo nome se ficou usando dar entre nós aos coches que foram fabricados pelo modelo d'aquelles, denominando-se os outros mais modernos *berlinas*.

No casamento da filha de D. João IV, a infanta D. Catharina com Carlos II rei de Inglaterra, que se effectou em 1666, já no reinado de D. Afonso VI, foram a infanta e a familia real em coches dos paços da Ribeira até á Sé, onde se celebrou a cerimonia, e na volta do templo até ao Terreiro do Paço, onde a infanta passou á galeota que a conduziu á nau que a levou a Inglaterra.

Nas nossas gravuras alem dos coches que figuram no cortejo real do dia 2 d'Abril, damos tambem o coche de D. Pedro II, sendo o mais antigo d'ellos o que foi construido em Paris, em 1665 e offerecido por Luiz XIV, como presente de nupcias, á princeza Maria Francisca Isabel de Saboya, por occasião do seu casamento com D. Afonso VI. N'este coche tomaram lugar os srs. coronel Duval Telles, tenente Francisco Figueira e tenente José Lima; seguem-se, na sua ordem chronologica, o coche construido em 1705, para servir no casamento de El-rei D. José I. Obra de talha dourada e pinturas, estylo Luiz XIV. Este coche que se distingue entre os outros pela sua magnificencia e elegancia, é destinado a conduzir os monarchas; o coche que em 1717 foi mandado construir em Roma por Clemente XI, e para ser offerecido a D. João V, é de estylo Renascença e com bella obra de talha. Tem cortinados de veludo carmesim de grande riqueza, e n'cada um dos quatro cantos da caixa bellas figuras decorativas, o que lhe dá um grande valor artistico. N'este coche tomam lugar o general inglez sr. Stanley Clarke, e o sr. general Francisco Maria da Cunha, chefe da casa militar d'El-Rei D. Carlos; o coche que foi feito em Paris tambem em 1717, por mandado do infante D. Francisco, irmão de D. João V. Estylo Luiz XIV. Estreitou-se em 19 de Janeiro de 1730; é destinado ao capitão Honorable Seymour Fortescue, sr. Francis Labring, Jo sequito de Eduardo VII e aos srs. conde da Figueira e Marquez do Alvaro; cochle tambem estylo Luiz XIV, feito em Vienna d'Austria por ordem do imperador José I, e por elle offerecido a sua irmã a archiduquesa Maria Anna d'Austria, quando esta veio para Portugal para desposar D. João V, em 1708. Tem a letira M, inicial do nome d'aquella princeza; sendo destinado ao Honorable Charles Harding, R. Admiral Honorable Hedworth Lamberton, e ao sr. duque de Loulé; coche de D. José I, é o mais moderno de todos, foi construido em 1750; n'este tomaram lugar o capitão Ponsonby, do sequito de Eduardo VII e os srs. condes de Tarouca, conde de Arnoso e vice almirante Hermenegildo Capello, official ás ordens de S. M. o rei de Inglaterra.

#### O BERGANTIM REAL

Foi construido no reinado de D. Maria I o bergantim real que conduziu Eduardo VII do seu Yacht até ao caes das columnas.

Sera tripulado por 80 homens, sendo 2 a cada remo.

Tem 12 pés e 6 o meia pollegadas de bocca, o 80 pés e 7 o meia pollegadas de quilha, o que corresponde a quasi 29 metros de comprimento. A prôa e a pôpa são inteiramente cobertas de figuras e variadas esculpturas de talha dourada, rematando a pôpa em tres grand' lanternas de metal. Na pôpa tambem ha um painel pintado o oleo, dividido pelo leme em duas partes. N'uma está representado Neptuno, em pé no seu carro, de





SIR MARTIN LE MARCHAND HADSLEY GOSSELIN  
MINISTRO DE INGLATERRA EM LISBOA



MARQUEZ DE SOVERAL  
MINISTRO DE PORTUGAL EM LONDRES

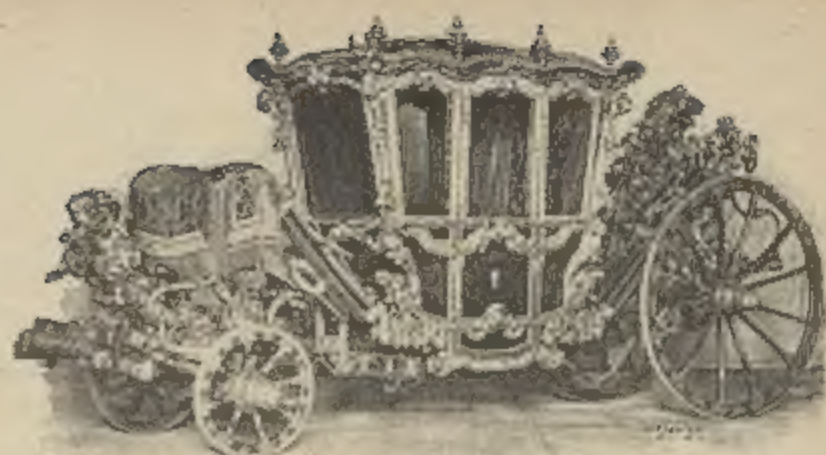


PAÇO REAL DAS NECESSIDADES ONDE É HOSPEDADO, S. M. O REI EDUARDO VII





COCHE DE D. JOÃO V — 1705



COCHE DE D. JOSÉ I — 1750



COCHE DE D. AFFONSO VI — 1656



COCHE DE D. JOÃO V — 1727



COCHE DE D. JOÃO V — 1708



COCHE DE D. JOÃO V — 1717



COCHE DE D. PEDRO II — 1629

## Os coches do Cortejo Real



madreperola, cercado por dois golfinhos, que conduzem triumphalmente o deus dos mares sobre as ondas do oceano que elle subjugou e aplaca com o seu tridente. Na outra está Amphitrite, esposa de Neptuno, igualmente em pé sobre uma concha.

As bordas e costado do bergantim, até ao lume d'agua, são guardados de obra de talha dourada, representando grinaldas de flores, folhagens, fructos etc.

O bergantim que foi expressamente feito por occasião do consorcio da infanta D. Maria com o infante D. Gabriel, filho 2.<sup>o</sup> de Carlos IV, de Hespanha, tem servido no desembarque de D. João VI, no seu regresso do Brazil, em 1821; da rainha D. Maria II e da imperatriz D. Amélia, duquesa de Bragança, na sua chegada de França em 1833; do príncipe D. Augusto, duque de Leuchtenberg, em 1835; de D. Fernando II, no anno immediato; da rainha Adelaide de Inglaterra; do duque Fernando de Saxe Coburgo pae do rei D. Fernando; da rainha de Hespanha D. Maria Christina; do rei D. Pedro V, na volta da sua viagem ao estrangeiro; da rainha D. Estephania; da rainha D. Maria Pia; do imperador do Brazil e da imperatriz dos francezes D. Eugénia etc.

## Desigualdade dos filhos de Eva

(DOS IRMÃOS GRIMA)

No tempo em que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso terreal, tractaram de construir uma casa no terreno esteril e de ganhar a vida com o suor do seu rosto. Adão poz-se a cavar a terra e Eva a fiar lan. Eva todos os annos dava a luz um menino, meninos que differiam muito entre si; uns eram bonitos, outros feios.

Passado algum tempo, Deus enviou um anjo a annunciar-lhes a sua proxima visita. Eva, não sabendo em si de contento pela honra que ia receber, esfregou a casa e ornou-a de flores. Feitos estes preparativos chamou os filhos e escolheu os bonitos. Lavou-os dos pés á cabeça, penteou-os, vestiu-lhes camisas lavadas, e recommendou-lhes cordura na presença do Senhor. Ficou comprehendido que se inclinariam respeitosos e que responderiam prompta e claramente ás perguntas que Elle lhes dirigisse.

Quando aos meninos feios, receberam ordem de não se mostrarem. De modo que foram escondendo-se os dotes respectivamente no leno, no telhado, no forno, na palha, na adega, no tonel do vinho, nas peles velhas, no linho e no couro que servia para fazer sapatos;

Logo que assim os occultou ouviu bater muito mansamente á porta. Adão olhou atrevez uma fresta e reconheceu o Senhor. Abriu respeitosa e modestamente a porta e o Pae do Céu entrou. Os rapaziños fixaram circulo, inclinaram-se reverentes e ajoelharam. O Senhor abençoou-os, em seguida ergueu as mãos e disse a cada um dos oito irmãos que seriam um rei poderoso, um principe, um conde, um cavalleiro, um fidalgo, um burguez, um negociante e um sabio.

Eva, ao ver o Senhor tam benevolente e tam generoso para com os filhos bonitos, não teve mão em si que não se lembrasse de ir chamar os outros com idéias de que seriam abençoados como aquelles.

Correu, pois, a procurá-los nos sitios onde se tinham occultado. D'ahi a pouco entraram todos com Eva á frente.

Deus viu-os, viu-se e tambem os quiz abençoar dando-lhes cargos para que fossem lavrador, pescador, ferreiro, curtidor, tecelão, cordoeiro, alfaiate, oleiro, carpinteiro, barqueiro, carteiro e creolo.

Quando o Senhor terminou a nomeação, Eva interrogou-o sobre o motivo por que fazia uma distribuição tam dissimilante de dons. Ao que Deus redarguiu:

—Eva, não queiras saber os meus designios. Convem-me e a necessidade exige que eu organize o mundo com os teus filhos. Se todos fossem principes e senhores quem semearia o grão? quem bateria o trigo? quem faria coser o pão? quem se encarregaria de tecer, de manejar a pleito e a enxada? quem talharia e coseria os fatos? E' preciso que cada um d'elles exerça o seu mister para que seja útil para todos e que todos concorram para o bem geral.

—Senhor, perdõe a indiscreção que commetti—retorquiu a mãe Eva, e que a sua divina vontade se cumpra em meus filhos.

XIV DE GRIMA

Henrique Marques Junior.

## A natureza e seus phenomenos

I  
PHYSICA

### PARTE I A GRAVIDADE

#### VIII—INERCIA

(Colecção de a. 1865)

1) Machina de escrever. Estão hoje muita em uso as machinas de escrever.



Fig. 13 Machina Dactyle

Descreveremos a machina «Dactyle» como a mais aperfeiçoada d'este typo. O seu machinismo é engenhoso. Um pequeno tambor contendo 81 caracteres dispostos em tres series eguaes de corâes circulares recebe (fig. 16) movimento de uma



Fig. 16

roda dentada, a qual se fixam tres peças: a primeira apresenta a forma de um coração dentado, a segunda, igualmente dentada, tem a forma aseride, e a ultima é uma manivella, sendo o conjunto d'estas peças atravessadas pelo eixo do tambor, cuja extremidade tem uma ranhura e um parafuso que permite fixar o tambor, não impedindo o seu movimento em torno do eixo.

A roda dentada e o tambor tem movimentos solidarios devido á manivella desenvolvendo-se o atrito junto a uma peça de aço, existente na parte inferior do tambor. A roda dentada, collocada entre dois sectores dentados que engrenam com ella, tem, como e go de rotação, um eixo indico horizontal, perpendicular ao eixo do tambor movel.



Fig. 16 e 17 Detalhes da machina

Duas pequenas peças de aço nivelam os extremos do coração dentado. A superior é dentada inferiormente; a inferior trabalha por percussão. Os

dois sectores dentados, além da roda dentada, tem, tambem, dentes d'engrenagem.

(A fig. 17) Mostra-nos dois chassis munidos de braços dentados e um colchete girando sobre um eixo commum. Cada um dos chassis communica movimento a um dos sectores; quando em repouso, engrena estes um dente do sector por meio do colchete, mantendo-os immoveis.

As alavancas contendo as teclas onde se acham inscriptos os caracteres, tem dois encaixes, correspondendo cada um d'elles a cada um dos chassis. Exercemos pressão sobre uma alavanca (a letra P) por exemplo, collocada á esquerda. Um dos encaixes da alavanca, por meio do chassis do lado esquerdo, faz com que o colchete do seu respectivo braço dentado, abandone o dente do sector esquerdo e fazendo-o girar. Neste momento o sector direito é mantido pelo colchete do chassis do lado direito.

A roda dentada, arrastada pelo sector esquerdo, gira sobre o sector direito immovel; o eixo do tambor inclina-se, e este move-se. Continuando a exercer pressão na mesma alavanca, o tambor passa junto a um reservatorio contendo tinta da impressão, gravando sobre um papel, a letra P, e assim se procede para todos os outros caracteres.

Um timbre annuncia que o fim da linha do papel está proximo, afim de fazer com que aquelle que se utiliza da machina para escrever, eleve um pouco, a folha e a colloque, de novo, na posição primitiva.

Logo que se deixe de exercer pressão sobre a alavanca, o machinismo deixa de funcionar.

II) Velocipedia. No fim do seculo XVII, um membro da Academia Real das Sciencias em França refere-se a um vehiculo mechanico que um amigo seu possuia. Um laqueo dava-lhe andamento, apoiando os seus pés em duas peças de madeira que transmittiam movimento a duas rodas. Em 1790, Sivrac, tomando como unico motor para a propulso da machina, os tecidos musculares da perna do homem, imaginou os celeríferos que se compunham de tres elementos de madeira: um barrote e duas rodas. O barrote era munido, de ambos os lados, de duas especies de ganchos entre os quaes girava uma roda. O vehiculo completava-se por meio de uma sella e, uma almofada na dorso de um encosto.—Em 1818, porém, o Barão Drais modificou um pouco os celeríferos.—Uma especie de leme conduzia a roda de dentro (roda directriz), podendo cada um, dar-lhe a direcção conveniente. A esta nova especie de vehiculo, denominou Draisiana cujo resultado não foi muito satisfactorio, occasionando este facto, a expatriação do seu auctor, que terminou os seus dias, num convento em Carlsruhe, em 1851. Mais tarde os inglezes empregando o ferro, em vez da madeira crearam os velocíferos, primeiramente denominados hobby-horse (cavallo-mechanico). Esta machina era sustentada por duas rodas leves situadas no mesmo nivel. A roda de dentro girava por meio de um eixo, para um ou outro lado, com o auxilio de uma alavanca, conservando a ultima, invariavelmente a mesma direcção.—O individuo senta-se sobre uma sella collocada na machina, collocando os pés sobre o solo, como que para dar movimento á machina, continuando esse movimento, como se andasse na ponta dos pés.



Fig. 18 Draisiana

Os velocipedes de hoje, differem em muito dos primitivos.—No velocipede commum, ou bicycleta o individuo colloca os seus pés, sobre dois pedaes que alternativamente, sobem e descem, dando as-



sim movimento à machina.—Esses pedaes ligam-se a uma pequena roda dentada, a que se prende uma correia sem fim que liga com a roda traseira do velocipede ou bicycleta. A roda de deante é a roda directriz, a qual se move á vontade do cyclista, por meio de uma alavanca.—As rodas são de aço. Envolvem-se geralmente de caoutchouc (pneumaticos) com o fim de diminuir o attrito, devendo, no entanto, o cyclista ter o prévio cuidado de os encher de ar, embora não totalmente, para que d'essa forma, evite, em parte, os choques.—A espessura dos pneumaticos deverá oscillar entre 40 a 45 milímetros.

A velocipedia tem hoje tomado um grande desenvolvimento. Modificações se apresentam todos os annos, dos modelos dos annos anteriores. Não descreveremos aqui, a variedade d'esses modelos, porque não é nosso intuito, ser demasiado extensivo em qualquer dos assumptos de que nos occupamos visto que apenas nos referimos a elles, de uma forma muito elemental.

Além da bicycleta, adoptam-se ainda, a tricycleta (ou velocipede de 3 rodas), e os tandems (bicycletas compostas de dois ou mais selins, de modo a permitir que, no mesmo vehiculo, sejam transportadas duas ou mais pessoas).

A ideia do cyclismo suggeriu, mais tarde o apparecimento dos automoveis. O primeiro automovel que appareceu em Paris, tinha a forma de um coupe ou landau, do comprimento de cerca de 3 metros. As rodas de madeira eram como os cyclas, munidos de pneumaticos cheios. O interior do vehiculo era muito confortavel; o seu comprimento era sufficiente para que os viajantes, em numero de tres, podessem estar perfeitamente á vontade.

O motor do vehiculo era o petroleo, que recebia o ar, por meio de carbonizador. Num cylindro collocado n'uma caixa rectangular formando a parte de tras do automovel, se introduzia o petroleo. Os gazes do cylindro, depois do seu trabalho, escapavam-se para a atmosfera, pela parte inferior do limero. A quantidade da essencia de petroleo empregado era de 5 litros e o resfriamento do cylindro motor mantido por 50 litros d'agua contida em dois reservatorios dispostos lateralmente na caixa rectangular. O vapor proveniente do aquecimento do cylindro circulava n'um quarto tubular collocado horizontalmente ao motor; o movimento do vehiculo produzia automaticamente uma circulação de ar rapido no interior do quarto tubular, facilitando o resfriamento e condensação do vapor produzido pelo aquecimento do cylindro. A potencia do motor é transmitida ás rodas motrizes por um systema de rodizias e correias actuação sobre um eixo intermedio que, por seu turno, fazia mover o eixo das rodas por meio de uma caldeira sem fim. O movimento era transmitido ás rodas traseiras por um movimento differencial, e as rodas de deante que davam a direcção conveniente ao vehiculo eram dirigidas por meio de um volante de eixo horizontal collocado no centro da carruagem. O machinista sentava-se de forma tal que facilmente podesse manobrar o vehiculo com a mão direita. Perto do lugar onde este se encontrava, existia o regulador do ar e de petroleo. Por meio de um freio de pedal operando no eixo das rodas motrizes, e um freio de mão, operando sobre umas peças a que se ligavam as rodas de tras, obtinha-se a paragem quasi instantanea do vehiculo.

Hoje, os automoveis tem, em geral, a forma de um caleche, assente sobre tres ou quatro rodas, sendo o seu mechanismo quasi semelhante ao que citamos.

Assim como os velocipedes; serão os automoveis, os vehiculos do futuro, substituído com vantagem, da tracção animal, não só pela sua maior velocidade, como igualmente, pela commodidade.

III) *Machinas de impressão.* A machina que vamos descrever tem sobre todas as suas semelhantes, vantagens que passaremos a expor.

O facto de dar a uma linha de impressão, o comprimento exacto que deve ter em relação ao formato do livro ou jornal que se pretende compor, não é tão facil como se julga.

Em geral, o compositor, a maneira que compõe, colloca as palavras umas após outras, separando-as por espaços uniformes, mas, muitas vezes, é obrigado a suspender uma linha porque o espaço não é sufficiente. Devo para evitar isso, substituir o branco do papel, augmentando proporcionalmente os espaços primitivamente marcados, ou então, no caso inverso, diminuir os. Recorre a este meio perfeitamente ao caso, podendo no entanto fazer esse calculo mathematicamente, isto é dividindo o comprimento total a preencher, ou tornar disponivel, pelo numero de espaços nos quaes é necessario operar a repartição.

A machina Des Jardins que vamos descrever, evita esse calculo, porque ella mesma se encarrega de operar essa repartição, de uma forma mathematica.

(Continua)

Antonio A. O. Machado.

## O ultimo senhor de um velho solar

ROMANHO HUNGARO

Paulo Gyulal

(Continuação do n.º antecedente)

Teve mais demora a excursão, do que elle suppunha, e com tudo a quanto empreendera desde o seu regresso, não veio a concluir-se sem mais ou menos dissabores. O homem do passado achava-se agora em conflicto com o presente.

Impreendeu a jornada, segundo a antiga usança, sem levar consigo passaporte, e nessa conformidade, viu-se delido em duas localidades, e teve que perder dois dias, á espera da respectiva identificação. O seu proprio cocheiro por pouco o não envolve em um processo; este, desde longa data, estava afeto a não se dobrar perante pessoa alguma no condado, á excepção do vice-Palatino. E devido a isso, abalroou com a carruagem de um alto funcionario, e d'ahi resultou despedaçar-se o vehiculo e o cocheiro ser filado pelos gendarmas. O caso, como é de suppor, empateou-lhe uns dias. Até que por fim, volvidas semanas, conseguiu ver-se com o senado, e as negociações com este consumiram-lhe ainda uns dias. Logrou finalmente ultimar o negocio, e os bens, considerado o preço antigo, foram relativamente bem vendidos.

Tomou algum descanso, e dispunha-se a empreender de novo a jornada, um pouco mais satisfeito, eis porem que recebe uma carta vinda de Milão, que lhe fora remetida pela cunhada, e o deixa imerso em funda tristeza.

Noticiava-lhe a carta o haver seu filho tornado a recahir e achar-se em perigo de vida, supposto desse esperanza o medico.

Mandou atrelar a carruagem e recolheu á mansão a toda a pressa. Intentava ir dali directo a Milão, e levar consigo a filha, para tratar do irmão enfermo.

Occorreu-lhe, porém, que achando-se livre da prisão, sob palavra, lhe era vedado transpor fronteiras; tinha que permanecer em casa e aguardar a vinda de uma carta tarjada do preto, que a terra estrangeira cubrisse o corpo do seu filho, extinguindo-se com este a antiga familia, indo os bens parar a mãos estranhas. A irritação e a má-gua asseberbaram-no de todo. Pensava na filha e no capitão Kahlenberger, a quem esta tanto amado se referia, e a quem com certeza viria a desposar, assim que o edoso pae fechasse os olhos, o que não tardaria, talvez, a acontecer.

Entregue a taes pensamentos recolhia para casa, e ao divisar a sua mansão rutilante de luz e de donde lhe vinham ferir os ouvidos os ecos da musica, atacou de chofre, como se alguém lhe houvesse vibrado uma pancada. O funeral de seu filho e o casamento de sua filha, o officio de defuntos e a musica do baile vinham fundir-se-lhe na alma em crudelissima dissonancia, e estrugiam-lhe os ouvidos em cacofonia louca de sons. Enxugou a testa, acamarihada de algido suor, e pouco a pouco, soceguou.

—Um valetudinário não morre assim á primeira; estou inferno, ha tanto tempo, e, quem se acostuma ao estado moribundo tem mais difficuldade em morrer!

E' mister não desespérer, até á ultima, confiar sempre na magnanimidade de Deus. Porque motivo estou eu agastado com a Elisabeth? Estragaram-me de mim, eis o que foi; emendar-se-á, com o tempo. E porque é que se não hade divertir? Ignora o estado do irmão. E' nova, bonita, porque razão não hade dançar? Amanhã, tão somente, lhe communicarei a noticia. Teriam vindo a visitar-me um ou dois amigos velhos e sinceros e trariam os filhos, e a Elisabeth improvisar-lhe-ia uma noite de festa: têm razão. E' justo que se divirtam.

Tomára eu que algum filho de um desses meus amigos por ella se apaixonasse! Deus de hoodade! Vir-se eu casados meu filho e minha filha, e não me custaria deixar esse mundo.

Patou a carruagem, e Radnothy abriu a portinhola, evocando toda a sua força de vontade para occultar a triste nova.

Presidia o coronela ao seu lusido sarau. Conseguia reunir numerosos convidados, muito mais do usual. Como devem suppor, cabia o principal papel ao capitão Kahlenberger, a quem os seus

comaradas apodavam «de melro do bico amarello» e não sem fundamento; o soldo chegava-lhe para tudo, era acérrimo caçador, e podia gabar-se de dispor de um cão amestrado a primor; era inextinguível a sua facundia, e sabia de cor e salteado o *Demócrito* de Werber; arranhava o seu bocado de francês, e n'este idioma lia o «Chorivari», quando lhe não roubavam o tempo as damas, que em todas as cidades hebião os ares pela sua pessoa. E dançava a primor! Nas quadribas não brillaria mais que outro qualquer, mas na valsa ou na polca não encontraria competidor.

E agora, ainda, os olhos dos circustantes todos nelle se concentravam.

A Elisabeth sentia-se ditosa sempre que em seus braços lhe era dado radopiar, e quando, durante uma que outra paragem, lhe escutava os chistes, ria com tanto gosto, que dos olhos lhe rebentavam as lagrimas.

Um edoso maior, que conversava com a coronela, emittiu a observação de que um tão lindo par merecia ser ligado para sempre, que de bom grado serviria de padrinho, e confirmou a offerta com um aperto do mão. Um tenente referia-se á caução, afirmando que o dote da donzella era mais que sufficiente a sanar qualquer difficuldade n'esse sentido, e sentencioza de «bagatella» o caso. Um financeiro, a si proprio e em tom faceto, se convidou para o brodio do noivado, dahi a um anno, ao que respondeu a coronela: pois «certamente!». Um engenheiro observou ao Kahlenberger que, em vez daquelle vetusto pardião, devia mandar edificar uma bonita residencia campestre, e que na dia immediato teria a satisfação de lhe vir apresentar um projecto nas requeridas condições, offerecimento que pelo capitão foi acolhido com sonora gargalhada, negando-se a dize-lo á Elisabeth, a despeito das insistentes perguntas por parte desta. O que deu em resultado ficaram amuados. Para incutir razões, toda a gente considerava como noivo o capitão, ora geral a jovialidade e folgavam os chistes.

No pae, ninguém sequer pensava e passou despercebida a entrada deste. Até que por fim, deu pela sua presença a coronela, e, em seguida, a Elisabeth.

Uma a outra, de susto por pouco que não gritam, com receio de um escandalo immediato. Entretanto, coiu em si a viuva, mandou suspender a musica, tomou, successivamente, pelo braço a cada um dos seus convidados, e foi os apresentando a Radnothy, o qual, acatando os dictames da boa hospitalidade, a todos acolheu cordalmente.

Ficavam imbatucados os hospedes, pasmados em presença das melénas, grisalhas e muito crescidas, das imensas barbas e do esquipatico traje de viagem de tão extraordinario amphitritão, e segredavam entre si mais de uma observação mordaz. Mais senhor de si, Kahlenberger encerrou desde logo um discurso faceto, e uniu corda para mais de uma hora, se Radnothy lhe não tem dado a perceber, por acção, que se achava em extremo fatigado e desejoso de recolher-se. E os circustantes, pasmados de todo. O capitão entrou a lastimar-se aos amigos, por ter de ora avante que dedicar-se ao estudo da mimica, pois que, de outro modo, jámais poderia entender-se com o seu futuro sogro.

O major estava estupefacto ante a ignorancia de Radnothy, que nem sequer percebia a lingua alemã, e não obstante, exercera as funcções de vice-Palatino. O tenente declarou «curiosissimo» o caso e, espantado, meneou a cabeça.

O financeiro repetiu, vezes sem conto, que em dias de sua vida jámais tinha visto tão barbaro carão. O engenheiro dispoz-se a bosquejar o retrato do edoso fidalgo, na intenção de o enviar para a «Illustração Alemã» como specimen da raça quasi extincta da velha aristocracia hungara.

A coronela e a Elisabeth, vermelhas como lacre, invergonhadas por causa do pobre do cunhado, e do pobre do papá, disculpavam-no para com a sociedade, mas lá no intimo estavam ambas contentissimas, pelo facto de não ter dado lugar a escandalo este pequeno interludio, e de se haver cohibido o ancão. Não lhe queriam mal, antes lhes inspirava comiserção, e fizeram o possivel ao sentido de reanimar o interrupto sarau.

Radnothy aguardava no seu aposento, mais tranquillo, mas tambem mais abatido do que nunca. A má-gua, a indignação, a esperanza e a confiança haviam-no abandonado; d'elle se apoderara como que uma obtusa insensibilidade; sentia-se pouco menos de atordoado. Sentou-se deite logo a escrever uma carta, incluindo-lhe dinheiro para seu filho, moribundo, após do que procedeu á elaboração do seu testamento. Instituiu seu universal herdeiro o filho, e desherdava a filha se





O BERGANTIM REAL EM QUE É CONDUZIDO A TERRA S. M. O REI EDUARDO VII

esta, contra a sua inabalável vontade, não tomasse por marido a um nobre transilvano ou húngaro; acrescentava ainda que a terça da mãe a havia aquella despendido em arrebitos e que o remanescente mal chegaria para a manter; da herança paterna, em conformidade com o direito hereditário húngaro, nada lhe podia caber e, se porventura ella escolhesse marido em harmonia com os desejos do pai, incumbia ao irmão o dever de lhe entregar todos os annos o terço dos rendimentos dos bens herdados, e que em caso contrario, e vindo o filho a falecer, os mesmos bens revertiriam a favor do Collegio de Nagy-Enyed, por expressa vontade d'elle, testador.

Era extenso o testamento, e custou tempo a trabalho, e ainda por cima, teve que esperar, que accordassem o capellão e o mordomo para assignarem ambos na qualidade de testemunhas. Quando por todo na devida ordem, para ali se ficou, cabibaiço, escutando a musica, cujo som chegava ao seu quarto, suspirando e pensando nos dias de outrora; entretimentos, invadiu o, por minutos, uma somnolencia e alagorou-se-lhe dividir o vulto da sua defuncta esposa, ergueu-se, sobresaltado e, estarecido, fitou os olhos na vela pouco menos de consumida. Com o testamento em uma das mãos e na outra o castiçal, dirigiu-se aos aposentos da cunhada.

Não se havia ainda despedido a coronela e, muito satisfeita da sua vida, conversava com a Elisabeth acerca dos acontecimentos daquelle dia magno. Ao verem entrar Radnothy, ambas se ergueram e corriam alegres a recebê-lo. Deplorava a coronela que o cunhado não tivesse assistido á diversão, pois, afirmou, estivera um *nec plus ultra*; a Elisabeth saltou-lhe ao pescoço e falou muito a respeito de Kahlenberger, que se compromettera este a arranjar uma licença de porte de armas para o papá, e que todas as semanas o havia de acompanhar á caça. E com estes amavios lhe agradeciam a sua moderação, ansiosas por lhe adoçar a pilula das contas accumuladas desde a sua ausencia.

(Continúa.) M. Macedo (Pin-Sel)



A POPA DO BERGANTIM REAL

**Henrique Bastos** — Cirurgião dos hospitais

**DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO**

*Exame endoscopico da urethra e bexiga.*

*Colheita da urina de cada um dos rins*

CONSULTAS | *Senhores — de 10 horas da manhã*  
*Homens — de 3 a 4 da tarde*

**LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA**

**BERLITZ SCHOOL**  
LINGUAS VIVAS

Lisboa	Paris	Cóimbra
Rua do Alecrim	Largo dos Loyos	Vianna
20 A.	14	Braga

\* Ensino pratico por professores estrangeiros

**Pinheiro Martins**  
**JOALHEIRO**

279, RUA DO OURO, 279 — LISBOA

Abundante sortimento de objectos em platina ultima novidade em Paris. Joalheria chio montada em platina, platina e ouro, platina e aço, e ouro, os mais caprichosos desenhos, e com esmaltes translucidos. Novidades para brindes em platina, ouro, platina e ouro, platina e aço, para uso de Senhores Cavalheiros e crianças. Bengalias *korós*; casidos em prata artisticamente feitos e de completa novidade.

**Drogaria Dias**

Recolheu em monstruoso acôrde em perfumarias, de surpreendente novidade, a conhecida «Drogaria Dias», da rua da Praça da Figueira. Entre essa infinidade de artigos dos melhores fabricantes, estrangeiros, vem-se as luxuosas caixas e cotões de brinde, de phantasia, em caprichosos desenhos e follas, contendo lindíssimas frascas das mais finas essências — desodorizantes ainda entre tais essências e pó de arroz, de delicias aroma. Pedidos á Drogaria Dias.

39 — RUA DA PRAÇA DA FIGUEIRA — 40  
**LISBOA**

**Empreza de Carruagens Fidelidade**

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR  
N.º TELEPHONICO 360

*Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences*  
PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 16 — LISBOA  
E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

**ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE**

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

R. da Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz do Camões) — LISBOA

**Alfredo Rebello**  
CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentaduras artificiaes, em ouro, esmalto, etc., pelos systemas mais apu feiçoadas. Extrações de dentes sem dor. Edifício Odontológico «REBELLO»

Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde

39. 1.º — POÇO DO BORRATIM, — 39. 1.º

Em frente da Rua da Misericórdia — LISBOA



**ATELIER SILVA NOGUEIRA**

PHOTOGRAPHO DE SS. Magestades

Operações com as melhores machinas de CARLOS RELVAS

Reloques primorosos, executados pelos dois irmãos SILVA NOGUEIRA. Optima luz, dando aos retratos a completa semelhança do modelo. Trabalhos em *platinotyp* e outros processos modernos — Preços modicos.

LISBOA — 18, RUA DE D. PEDRO, V. 20 — LISBOA

Succursala em Faro, Caldas da Rainha e Nazareth

**PAPELARIA E TYPOGRAPHIA**

**BAETA DIAS**

Sempre artigos de novidade para brindes

Rua Augusta — LISBOA

**Artigos de incadescencia**

Mangas para todos os sistemas de bicos, chaminés de vidro e de mica, tulipas, abat-jours, hastes de magnésio, fumiveros de louça e de aluminium, mangas collodionadas etc.

Grande desconto aos revendedores. Mandam-se tabeallas de preços, pelo correio a quem as requisitar

83, RUA DO CRUCIFIXO — LISBOA